

EMPREGO INDUSTRIAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA — EVOLUÇÃO RECENTE*

Maurílio L. Schmitt

Economista e coordenador do Departamento Econômico da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) e consultor de empresas.

Para descrever a trajetória do emprego industrial no espaço geográfico da região metropolitana de Curitiba (RMC), é preciso, antes de mais nada, tecer o ambiente, o pano de fundo em que ela se desenrolou.

Nos idos de 1987, trabalhadores e empresários da indústria firmaram o *Acordo do Paraná*, moldado sob o influxo da experiência espanhola do Pacto de Moncloa. As recorrentes conflagrações entre trabalho e capital deram lugar a um programa gradual e progressivo de alinhamento das convenções trabalhistas a objetivos comuns.

É importante assinalar, pela pertinência e atualidade, que uma das motivações para o consenso em construção emanava da doutrina social cristã, que reconhece

“(...) a justa função do lucro, como indicador do bom funcionamento da empresa: quando esta dá lucro, isso significa que os fatores produtivos foram adequadamente usados e as correlativas necessidades humanas devidamente satisfeitas. Todavia, o lucro não é o único indicador das condições da empresa. Pode acontecer que a contabilidade esteja em ordem e simultaneamente as pessoas que constituem o patrimônio mais precioso da empresa sejam humilhadas e ofendidas na sua dignidade. Além de ser inadmissível, isso não deixará de se refletir futuramente de modo negativo na própria eficiência econômica da empresa. Com efeito, o objetivo desta não é simplesmente o lucro mas sim a própria existência da empresa como comunidade de pessoas que, de diverso modo, procuram a satisfação das suas necessidades fundamentais e constituem um grupo especial ao serviço de toda a sociedade. O lucro é um regulador da atividade da empresa, mas não o único; a ela se deve associar a consideração de outros fatores humanos e morais que, a longo prazo, são igualmente essenciais para a vida da empresa” (Papa João Paulo II, Encíclicas *Laborem Exercens* e *Centesimus Annus*).

Desde então, a indústria paranaense ostenta, como uma de suas características, o reduzido número de conflitos trabalhistas, tanto que se desconhece a existência de greves setoriais ou regionais nos últimos anos e, não sem motivo, um dos fatores de atração de novos investimentos e de escolha do Paraná como localização privilegiada para empreender.

O instituto da conciliação prévia, em comissões especiais, é uma alternativa inteligente para solucionar problemas trabalhistas bastante utilizada nas relações de trabalho no Estado.

* O autor contou com a colaboração de Roberto P. Zürcher na elaboração deste artigo.

Um breve retrospecto assinala que, em 2002, houve 6.729 reclamações registradas nessas comissões; em 2003, 7.327; e, em 2004, 5.900 reclamações. Destas, um pouco mais da metade foi conciliada e 1/6 delas foi arquivado por serem consideradas como improcedentes ou pelo não-comparecimento do trabalhador.

Esse reduzido número de conflitos trabalhistas deriva de duas circunstâncias. A primeira, conforme a IX Sondagem Industrial aplicada pela Fiep, está em que mais da metade das empresas mantém seus funcionários contratados, inclusive nos momentos de baixa produção. A segunda, a elevada proporção de empresas com programas de participação nos resultados; nas últimas convenções coletivas de trabalho coordenadas pela Fiep para o período 2004-2005, três delas continham cláusulas objetivas de atribuição de participação nos resultados, e outras nove assinavam essa participação como alternativa a ser implementada nas indústrias subsumidas às estipulações da convenção. A propósito e ao estilo praticado em muitos países europeus (origem étnica da maioria da população paranaense), tanto essa participação nos resultados é vista como incentivo ao emprego, quanto a qualificação dos trabalhadores tem sido procedimento adotado como forma de integrar a dignidade das pessoas aos planos e objetivos da empresa.

De outro lado, tenha-se em perspectiva as fortes mudanças ocorridas, principalmente nos últimos 11 anos (1994-2004) no ambiente econômico e no mundo do trabalho, bem como no perfil da estrutura industrial paranaense. A expressiva ampliação do coeficiente de comércio internacional induziu uma verdadeira revolução silenciosa no interior das indústrias. As importações de bens de capital no contexto do programa de estabilização do real aconteceram em níveis bastante superiores aos dos precedentes e insuportáveis planos deflagrados a partir da década de 1980 e, por isso mesmo, colocaram rapidamente a estrutura industrial em linha com o mais atualizado estado das artes dos processos produtivos e dos métodos de gestão.

É ressaltado que adaptar novas tecnologias, obter ganhos de produtividade, de eficiência, e enfrentar os desafios da modernidade, da concorrência, da competitividade são tarefas que exigem passos seguros e sinergia entre todas as pessoas integradas a uma organização empresarial. Ao modernizá-la, se os funcionários não forem contemplados com programas de capacitação para o uso das novas tecnologias e se não se lhes retirar a instabilidade e a insegurança advindas com essas transformações, corre-se o risco de se ver repetido, embora sob outras formas, o episódio histórico (início da Revolução Industrial) da organização dos operários para destruir as máquinas, pois a elas era atribuído o desemprego de então. Novamente, a antes referida Sondagem Industrial mostra que 74% dos industriais paranaenses treinam seus funcionários, em média, 51 horas por ano para absorver a modernização tecnológica.

No contexto, portanto, de um parque industrial transformado em seu perfil produtivo no último decênio por incorporação de novas tecnologias e pela entrada em cena de ramos não-tradicionais, é que deve ser posta em foco a evolução do emprego na RMC, adicionado, aqui, o ingrediente do percurso assumido pelo salário médio praticado em gêneros industriais e anos selecionados (Tabela 1).

Considerando tão-somente os ramos de maior participação relativa na formação da renda industrial, percebe-se, claramente, que a indústria de *material de transportes* (intensiva em capital e que recebeu os maiores investimentos relativos no Paraná em fins da década de 1990 e início da atual) registrou, entre 1994 e 2004, uma expansão de 143,71% no nível de emprego, impulsionando um incremento de vendas, no mesmo período, da ordem de 233%, estas obtidas a partir de dados da Pesquisa Conjuntural mensal da Fiep. Por óbvio, a relação *emprego/vendas* se dá sob tal proporção em razão do uso de máquinas e equipamentos automatizados, que elevam, signifi-

TABELA 1

EMPREGO E SALÁRIO MÉDIO NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NA RMC, POR SUBSETORES DE ATIVIDADE — 1994, 1999 E 2004

Subsetores de atividades	1994			1999			2004 ^a		
	Empregos	Participação (%)	Salário Médio	Empregos	Participação (%)	Salário Médio	Empregos	Participação (%)	Salário Médio ^b
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	15.096	12,91	338,10	15.795	13,79	612,69	24.683	15,77	821,09
Indústria de material de transporte	9.614	8,22	583,80	14.856	12,97	1.611,24	23.430	14,97	2.216,25
Indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários e perfumaria	14.072	12,03	633,50	14.038	12,26	840,36	19.291	12,33	1.209,01
Indústria mecânica	13.462	11,51	807,10	10.920	9,54	1.300,62	14.978	9,57	1.979,15
Indústria de madeira e de mobiliário	15.859	13,56	292,60	13.378	11,68	508,81	15.435	9,86	783,52
Indústria metalúrgica	9.747	8,33	423,50	9.742	8,51	667,86	15.398	9,84	989,81
Indústria de papel, papelão, editorial e gráfica	9.684	8,28	496,30	10.348	9,04	935,87	12.658	8,09	1.328,88
Indústria de produtos minerais não-metálicos	9.854	8,43	330,40	9.415	8,22	654,52	10.848	6,93	1.064,14
Indústria de material elétrico e de comunicações	7.135	6,10	856,80	7.167	6,26	1.357,70	8.019	5,12	1.712,24
Indústria de borracha, fumo, couros, peles, similares, indústrias diversas	5.901	5,05	383,60	4.360	3,81	670,50	6.102	3,90	-
Indústria têxtil de vestuário e artefatos de tecidos	6.132	5,24	301,00	4.387	3,83	500,88	5.505	3,52	688,35
Indústria de calçados	395	0,34	190,40	114	0,10	376,49	171	0,11	-
Total	116.951	100,00	492,80	114.520	100,00	905,24	156.518	100,00	1.284,69

Fontes: MTE/Rais, Caged e Fiep.

Nota: Dados de 1994 a 2003 extraídos da Rais.

^a Dados de 2004 extraídos do Caged.^b Dados de 2004 extraídos da Fiep.

cativamente, a produtividade das pessoas. Por sua vez, os salários médios, desse ramo, apresentaram aumento de 279,62%, o que demonstra a correlação entre remuneração e requerimentos de especialização do trabalho para operar atividades capital-intensivas.

A indústria de *produtos alimentares*, que continua a ostentar o maior peso relativo do Estado e é menos intensiva em capital que a de *material de transportes*, teve suas vendas acrescidas em 190,13% contra um aumento de 63,51% no nível de emprego e de 142,85% no salário médio.

Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)¹ identifica que a cada R\$ 10 milhões de aumento de produção industrial no Brasil são gerados 16 novos empregos diretos, 108 indiretos, mais 234 pelo efeito-renda (total de 358 empregos) na indústria de *material de transportes*; e 41 empregos diretos, 323 indiretos, mais 248 pelo efeito-renda (total de 612 empregos) na de *produtos alimentares*.

Desse cotejo infere-se que o Paraná, por estar contemplado com o gênero *produtos alimentares* como o de maior peso relativo em sua estrutura de transformação industrial, é, por essa razão, privilegiado na geração de empregos por unidade monetária investida. Considerando isto, e dada a propensão logística de localizar empreendimentos dessa natureza no interior do estado, ou seja, próximos das fontes supridoras de matérias-primas, o emprego industrial evoluiu de maneira mais intensa fora da RMC.

Conquanto a instalação do pólo automotivo (montadoras, sistemistas e atividades afins) tenha atribuído dinamismo econômico próprio ao espaço representado pela RMC, o emprego da indústria de transformação aumentou, nessa região, 33,83%, enquanto no Estado do Paraná, exclusive a RMC, a expansão do nível de emprego industrial situou-se em 54,65% no período 1994-2004.

Eis, assim, um breve relato sobre a trajetória do emprego industrial na RMC na dimensão temporal 1994-2004, identificada, em boa medida, à luz de fatores qualitativos que teceram as relações trabalho-capital; todos eles certamente importantes para conformá-la nos aspectos quantitativos retratados.

1. Ver Najberg, Sheila; Pereira, Roberto de Oliveira. Novas estimativas do modelo de geração de empregos do BNDES. *Sinopse Econômica*, Rio de Janeiro, mar. 2004.